

# 6<sup>a</sup> JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA

## Célula e conjunto, privado e público, função e expressão: a arquitetura cenobítica cruzia entre o Renascimento e o Maneirismo

Ilídio Jorge Silva

Universidade Fernando Pessoa

Em 1527, D. João III dava início a uma reforma do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que foi conduzida por Frei Brás de Braga (ou de Barros), religioso da igualmente augustiniana Ordem de São Jerónimo, desde essa data até 1554. Por 1530 o rei associa essa intervenção à renovação e transferência da Universidade, de Lisboa para Coimbra, para ter sede no mosteiro cruzio, o que acontecerá até 1537. Adicionalmente, a partir de 1535, pelo menos, a reforma da canónica conimbricense começa a estender-se a toda a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho portugueses.

Juntando uma reforma espiritual, inspirada no recolhimento meditativo da *devotio moderna*, a uma reanimação cultural nos moldes da *docta pietas*, Santa Cruz é o espelho e instrumento do projeto possível de um Portugal renascentista, em reforma erasmista.

Entre 1528 e 1540, o complexo Regrante duplicará de área, para se adequar à sua nova forma de vida, e servirá de modelo à definição da arquitetura colegial, que conduzirá desde 1535, e aos cenóbios reformados por Fr. Brás, na construção de raiz de São Salvador da Serra do Pilar (iniciada em 1537) e nas reformulações de São Vicente de Fora (em 1538, 1540-1541, e 1553-1554).

Quando a Congregação de Santa Cruz é formalmente instituída pela Santa Sé, em 1556, já o panorama é outro. O projeto joanino muda, os Cónegos deixam de estar no seu cerne e no favor do monarca: a Universidade tornara-se autónoma em 1543, e é financiada com bens retirados à Ordem (como o serão os bispados de Leiria e Portalegre, criados em 1545 e 1549); por outro lado, desde 1545 que o programa da Contrarreforma, rigorista e tradicionalista, está em definição em Trento.

# 6<sup>a</sup> JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA

O foco central da instituição canonical passa a ser portanto a sua própria expansão – 16 membros se acrescentarão às suas fileiras, até 1624 – e essa afirmação não pode deixar de se exprimir segundo as coordenadas tridentinas.

O protótipo arquitetónico dessa identidade revista é São Salvador de Grijó, desenhado em 1572 e edificado até meados de Seiscentos. Replicado, por vezes quase literalmente, em outras 9 Casas, Grijó representa a imagem de marca maneirista da Ordem. Compacto, introvertido e rural, onde Santa Cruz de Coimbra fora expansivo e urbano, borromaico onde aquele era bramantino, o novo modelo é uma redução ao "mosteiro essencial", mas também à "essência crúzia", recuperando um corpo turriforme na fachada eclesial (como Santa Cruz), reutilizando o claustro de arquitecção plana (que deveria ter sido previsto para a Serra do Pilar).

O que escapa muitas vezes à análise historiográfica é como o desenho das celas e a composição dos dormitórios, nestas duas matrizes, espelham as definições dos que habitam no seu interior e permitem a imagem exterior dos conjuntos que constroem. O dormitório renascentista longo e unitário, aberto à paisagem, afirma o indivíduo e a individualidade, e forma longos alçados viários animados por fenestração diferenciada; o seu equivalente maneirista, centrípeto ao claustro e de face mais repetitiva, sublinha a conformidade e exprime monoliticamente a instituição. Cumulativamente, a primeira configuração assenta na cela larga, que alonga a fachada, e na dicotomia entre a janela e o postigo, traduções do cónego que tanto contempla o mundo como se recolhe para meditar e estudar; já a segunda compacta o volume recorrendo à cela profunda (mesmo que não menor), e resume a expressão de cada espaço/ocupante a um só vão, simples e iterativo.